



Vol. 24, nº 1 (2023)

DOI: 10.30681/issn22379304v24n01/2023p04-26

**OS VERSOS DO JORNAL ALVORADA:
SUBVERSÃO DA AUTORIDADE DA ESCRITA**

**THE VERSES OF THE JOURNAL ALVORADA:
SUBVERSION OF THE AUTHORITY OF WRITING**

Claudia Eliane Zortea¹

Recebimento do Texto: 20/03/2023

Data de Aceite: 17/04/2023

RESUMO: Em janeiro de 1970 é publicada a primeira edição do jornal *Alvorada*, periódico vinculado à Prelazia de São Félix do Araguaia e um importante veículo de comunicação, que trazia conteúdo religioso, social e político e posicionava-se abertamente contra a ditadura militar, denunciava os conflitos existentes no sertão de Mato Grosso impactado pelos projetos de ocupação. Em 1977, o *Alvorada* iniciou uma campanha de incentivo à publicação de poemas. O resultado é um grande acervo de textos literários nas páginas do *Alvorada*, especialmente entre 1977 e 1988. Analiso esse fenômeno da literatura guiada pela seguinte questão: o jornal *Alvorada* pretendia instigar a criação de uma geração de escritores da região do Araguaia Xingu ou a poesia era uma das formas de lutar contra o analfabetismo e o isolamento social? O principal referencial teórico é Roger Chartier (2010) a partir de seu estudo sobre a história da escrita, do livro e da leitura, importante reflexão para se pensar na relação entre imprensa e literatura no jornal *Alvorada*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Imprensa periódica. Jornal *Alvorada*. Poema. Memória cultural.

ABSTRACT: In January 1970, the first edition of the journal *Alvorada* was published, a periodical linked to the Prelazia de São Félix do Araguaia and an important vehicle of communication, which brought religious, social and political content and openly positioned itself against the military dictatorship, denounced the existing conflicts in the backlands of Mato Grosso impacted by occupation projects. In 1977, *Alvorada* started a campaign to encourage the publication of poems. The result is a large collection of literary texts in the pages of *Alvorada*, especially between 1977 and 1988. I analyze this phenomenon of literature guided by the following question: the *Alvorada* journal intended to instigate the creation of a generation of writers from the Araguaia Xingu region or poetry was one of the ways to fight against illiteracy and social isolation? The main theoretical reference is Roger Chartier (2010) from his study on the history of writing, book and reading, an important reflection to think about the relationship between press and literature in the journal *Alvorada*

KEYWORDS: Literature. Literature. Periodical press. Journal *Alvorada*. Poem. Cultural memory.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Contato: claudia.zortea@unemat.br



Em janeiro de 1970 é publicada a primeira edição da *Alvorada*, Folha da Prelazia de São Félix do Araguaia. Duas páginas em papel *sulfite*, linhas datilografadas e impressas em mimeógrafo. O primeiro parágrafo é aberto com uma espécie de anúncio: “Nossa região [...] amanhece para uma nova vida mais verdadeiramente humana, mais autenticamente cristã” (*ALVORADA*, janeiro de 1970, p. 01). E entre os objetivos apontados nesta primeira edição, está a “renovação”. O jornal *Alvorada*, idealizado pelo poeta Pedro Casaldáliga² circulou por pouco mais de 50 anos e desde essa época passou por muitas transformações. Marluce Scaloppe (2009), em sua dissertação de mestrado, aponta três fases do jornal, cada uma com suas particularidades. Na primeira fase, entre 1970 e 1990 o jornal é datilografado e impresso em mimeógrafo, os títulos das notícias são escritos e os desenhos feitos manualmente, considerando a limitação da máquina de escrever. Houve uma mudança em 1981 com a aquisição de uma fotocopiadora de stencil, que possibilitou uma melhor apresentação nos títulos e desenhos. O formato é de ofício e a publicação quase mensal³.

Na segunda fase, entre março/abril de 1985 e novembro/dezembro de 1994, o *Alvorada* passou a ser impresso fora da região da Prelazia, em gráfica; apresenta fotografias em quase todas as páginas e ilustrações bem elaboradas. O formato ofício ainda é utilizado. O ano de 1985 marca o início da periodicidade bimestral adotada ininterruptamente nos próximos 26 anos. No ano de 1995 outra estrutura do *Alvorada* é apresentada ao leitor, o formato passa ser de o tabloide, com quatro colunas, e as capas trazem ilustrações e colunas cada vez mais coloridas.

² Pedro Casaldáliga chegou à região em 1968 e se tornou bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia em outubro de 1971.

³ A última edição feita neste molde data de janeiro/fevereiro de 1985.



O período ao qual se dedica este artigo compreende os anos entre 1977 e 1988, época de maior frequência de textos literários publicados no *Alvorada*. Intento desenvolver a pesquisa guiada pela seguinte questão: o jornal *Alvorada* pretendia instigar a criação de uma geração de escritores da região do Araguaia Xingu ou a poesia era uma das formas de lutar contra o analfabetismo e o isolamento social e político?

Ao se falar sobre o jornal *Alvorada*, primeiramente, é importante situar essa escrita dentro de três espaços: institucional, geográfico e político. Respectivamente: igreja católica, sertão mato-grossense⁴ e ditadura militar. A Folha de São Félix do Araguaia, passada a jornal *Alvorada* na edição de abril de 1978, configurava-se como uma intersecção entre estes três espaços. A Prelazia de São Félix do Araguaia é um segmento específico da igreja católica, e teve, durante a ocupação dos “espaços vazios” do Mato Grosso, uma política de enfrentamento ao grande latifúndio. O sertão mato-grossense, um território do Brasil que fazia parte do Plano de Valorização Econômica da Amazônia e, por isso, um lugar de constantes descolamentos de homens e mulheres pobres a procura de terra e trabalho, um cenário indissociável do quadro político nacional de ditadura militar no qual havia o predomínio do não reconhecimento dos direitos dos trabalhadores rurais.

Com publicação irregular⁵, o *Alvorada* trazia conteúdo religioso, social e político e posicionava-se abertamente contra a ditadura militar,

⁴ O território da Prelazia de São Félix do Araguaia abrange 15 municípios: Ribeirão Cascalheira, Serra Nova Dourada, Vila Rica, Santa Cruz do Xingu, Canabrava do Norte, São José do Xingu, Santa Terezinha, Luciara, Bom Jesus do Araguaia, Novo Santo Antônio, Confresa, Porto Alegre do Norte, Alto Boa Vista, Querência e São Félix do Araguaia

⁵ Em 1970 o jornal publicou seis números, entre meses intercalados. Em 1971 apenas dois números, um em cada semestre. Em 1972 três números, um no primeiro semestre e dois no segundo semestre. Em 1973 não há publicações. Em 1974 há publicações em todos os meses. Em 1975 e 1976 percebe-se a pretensão de publicar bimestralmente, mas há publicações de meses seguidos e intervalos de dois meses. De 1977

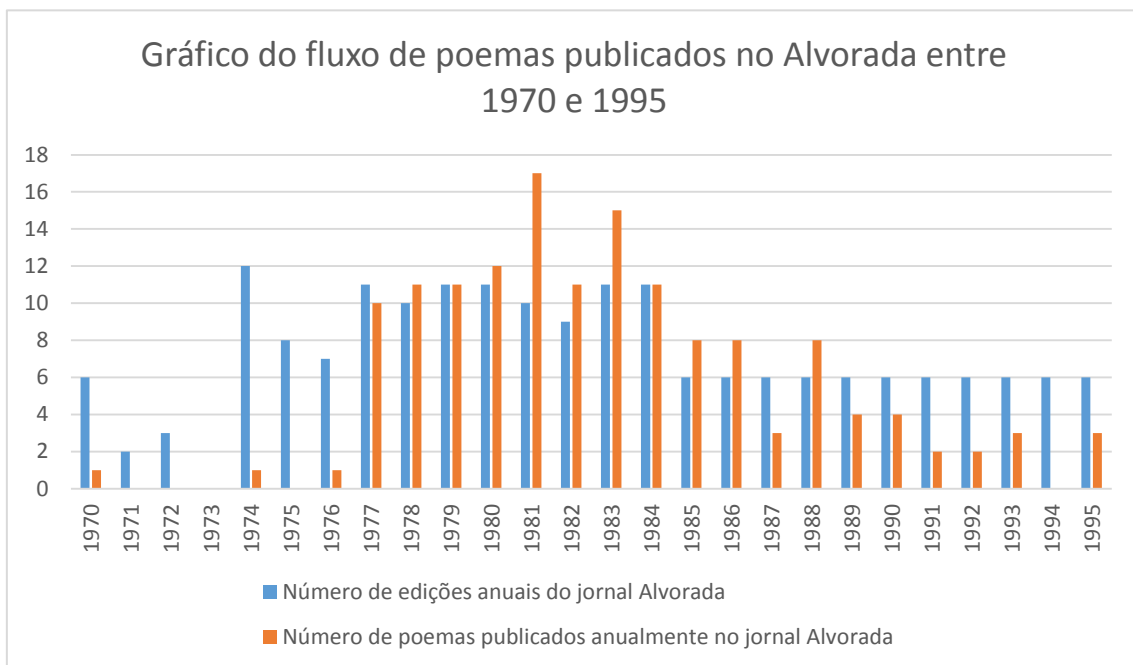


denunciava os conflitos do sertão de Mato Grosso e também de outras regiões impactados negativamente pelos projetos de ocupação baseados no apoio às atividades agropecuárias. A equipe do *Alvorada*, de acordo com Antônio Canuto⁶, era composta por agentes pastorais, sem formação em comunicação, voluntários, que recebiam e colhiam informações, organizavam em conjunto as edições, datilografavam e distribuíaam o periódico enviando por ônibus ou qualquer outra condução que estivesse indo para as cidades receptoras da Folha.

O *Alvorada* era o único meio de comunicação dos moradores destes rincões. Apesar de sua fabricação e circulação precárias, tinha estimado valor por se preocupar com informação relacionadas ao povo e por alcançar a todos, pois era distribuído por um valor muito baixo e não tinha fins lucrativos. O jornal buscou ser acessível, tanto que ler e compreender o periódico não era um privilégio para poucos e tão pouco foi um privilégio ser lido nas folhas do *Alvorada* durante considerável período. No final da primeira década do jornal, a equipe começou a receber e publicar textos literários escritos, quase sempre, por leitores comuns. O gráfico abaixo mostra a frequência dessas publicações, que se estenderam por mais de quinze anos, mas que tiveram um período mais fervoroso, entre 1977 e 1988.

a 1984 as publicações variam entre nove e onze números anuais. A partir de 1985 o *Alvorada* publica rigorosamente a cada dois meses.

⁶ Em entrevista concedida a Claudia Zorteza em 19 de agosto de 2021 e que pode ser lida na íntegra no livro **Alvorada em versos**, (ZORTEZA. 2022, p. 530-547).



A escrita literária no jornal *Alvorada* não está, como se nota pela frequência das publicações, presente desde o início. Em um determinado momento, houve uma abertura e até mesmo um chamado para estas publicações. Em maio de 1970, em sua terceira edição, o *Alvorada* publicou o primeiro texto com estruturas de verso o “Hino do Ginásio Estadual Araguaia”, assinado por Adauta Luz Batista⁷ e Pe. J. Maria Gil.

Neste povo a esperança floresce,
Nova luz já começa a raiar,
O Ginásio Estadual Araguaia
Nossas mentes vem iluminar.

Mocidade eia, avante eia, avante
Que o Brasil sobre nós ergue a fé
Esse imenso, colosso, gigante,
Vamos todos erguê-lo de pé.

⁷ Autora do livro **Sertão de Fogo**, onde conta a trajetória da família Luz e da cidade de Luciara, um dos municípios da Prelazia de São Félix do Araguaia. Adauta foi a primeira professora de Mato Verde, hoje Luciara.



Vol. 24, nº 1 (2023)

O Brasil quer a luz da verdade,
Do esforço e da promoção,
Nós iremos marchando adiante,
Desfraldada a bandeira da união.

Sob o céu desta Pátria querida,
Como raios de um mesmo sol,
Empenhados na luta estaremos:
Construir um Brasil bem melhor.

(*Alvorada, Folha da Prelazia de São Félix, MT*, maio de 1970, p. 03)

Nesta mesma edição, o *Alvorada* noticiou a inauguração do Ginásio Estadual Araguaia - GEA como sendo uma esperança para uma “nova *Alvorada*”, pois esta instituição possibilitaria a formação de muitas pessoas da região. Na página dois do jornal lê-se:

[...] o povo precisa de escolas, de instrução. Um povo consciente de si e de seu papel na História. A pior coisa que existe, é um povo passivo e amorfo, indiferente [...] o Povo Brasileiro está ansioso para pensar com a própria cabeça e andar com os próprios pés. [...] Educação significa ser liberto da miséria, do analfabetismo, da superstição [...] (*ALVORADA*, maio, 1970, p. 02)

Este trecho evidencia a posição ideológica do jornal e da instituição ao qual ele está vinculado em relação à instrução e à educação formal. O analfabetismo, característica presente na formação do Brasil, também fazia parte, de modo mais crítico, da realidade das regiões isoladas como o sertão mato-grossense⁸. A instrução formal, que acontecia por meio do GEA, seria

⁸ A taxa de analfabetismo no Brasil em 1970 é de 33,7 % entre a população de 15 anos mais, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Disponível em: <[capa \(inep.gov.br\)](http://capa.inep.gov.br)> Acesso em: 10 de setembro de 2022. (p. 06)



a forma de desenvolver o poder de escolha e criticidade das pessoas da comunidade da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Ainda na edição de maio 1970, há a publicação de um texto comentando sobre a carta do Papa Paulo VI intitulada “Desenvolvimento dos povos” onde o pontífice da Igreja Católica fala a respeito os problemas do mundo e chama a atenção para a “fome de instrução”. O texto do *Alvorada* traz o título “Alfabetização” e cita trechos da carta do Papa: “No Brasil, há mais de trinta milhões de analfabetos. São milhares de pessoas que não votam, que não podem ter voz ativa nos destinos da Pátria” (ALVORADA, maio de 1970, p. 02)

Delineia-se, a partir destes posicionamentos, o que o *Alvorada* entende como um dos desafios mais significativos do espaço onde ele circulava: a instrução emancipatória, aquela que possibilita agir como cidadão. O “Hino do GEA” manifesta nos versos a esperança e a vontade de melhoria e superação. Um compromisso que o *Alvorada* vai reiterar ao longo dos anos de publicação. No entanto, no início, esta é apenas uma pauta dos textos publicados. Aos poucos, o *Alvorada* passa a ser, ele mesmo, um espaço para esse exercício de leitura e escrita. E o caminho para isto, é a literatura.

Em 1974, na décima segunda edição o jornal *Alvorada* abre a primeira página com um poema de autoria não mencionada.

ALVORADA na terra e na vida da gente.
Sol quente e chuva brava sobre o Araguaia.
O Araguaia traz tudo em seu banzeiro,
basta saber olhar.

O verão seco da perseguição
machucou, doeu e ensinou.
Mas quem tem coragem e Esperança está de pé.
ALVORADA vem dizer que a vida continua.



Vol. 24, nº 1 (2023)

ALVORADA é um momento de palestra para nós,
que fazemos parte do Povo de Deus,
que se arranchou neste sertão, entre o Araguaia e o Xingu.

Autoria não mencionada (*Alvorada, Folha da Prelazia de São Félix, MT*, janeiro de 74, p. 01)

Trata-se de um poema de Pedro Casaldáliga, que optou por não assinar, publicado após o jejum de 1973, ano em que o *Alvorada* não publicou uma única vez devido, segundo Antônio Canuto⁹, à censura do regime militar. No poema, Casaldáliga reafirma o compromisso do jornal em ser significativo para as pessoas que o leem, em motivar e ser esteio, em ser “palestra”. A palavra “Alvorada” é escrita em letras maiúsculas, destacada tanto pela repetição quanto pela forma; “perseguição”, “a vida continua”, “Povo de Deus”, também ganham destaque para reafirmar os ideais do periódico.

Em agosto de 1977, na primeira página da trigésima quinta edição, o terceiro texto em versos é publicado no *Alvorada*. O autor do poema, sem título, assina apenas como Joaquim. A edição apresenta como primeiro e principal assunto os festejos de Nossa Senhora da Assunção, padroeira de São Félix do Araguaia e Nossa Senhora das Graças, padroeira de Luciara. Em seguida ao poema, o jornal segue com notícias, reportagens e comunicados das cidades da região. Entre os textos jornalísticos está “Muita terra para poucos”, que destaca situações variadas nas quais moradores e agricultores tiveram que desapropriar suas terras ou foram impedidos de cultivar o solo:

⁹ Em entrevista concedida em 19 de agosto de 2021.



Vol. 24, nº 1 (2023)

-no Gengibre, o empreiteiro Valdevino, do Tubarão¹⁰ Diomar, levou a polícia dos patrimônios para tirar os posseiros à força. Houve agressão e ofensa aos posseiros e invasão de casas. Um dos policiais agressores ameaçou a mulher de um posseiro com as palavras: “Terra de posseiro é sete palmos do chão (ALVORADA, agosto, 1976, p. 03)

O poema segue a temática da edição, no entanto, usando da propriedade que a arte tem para ressignificar a realidade, apresenta um eu lírico em profunda contradição com os festejos: “eu queria festejar”, verso que expressa um desejo frente a uma impossibilidade. Leiamos o poema:

Eu queria festejar
celebrando a liberdade
festas de alegria
prá reconhecer a verdade
enterrar o desespero
na data da felicidade
E ouvir os lavradores
na roça e no sertão
colhendo suas roças,
cantando uma canção
todos com alegria
de poder viver no chão
e porque encheu as tuias
de arroz, milho e feiã,
acabou a miséria
resolveu a situação

Joaquim (*Alvorada, Folha da Prelazia de São Félix, MT,*
agosto de 1976, p. 01)

O eu lírico e os leitores do *Alvorada* compartilham do mesmo desejo: “E ouvir os lavradores/na roça e no sertão/colhendo suas roças,/cantando uma canção/todos com alegria/de poder viver no chão”. Essa é a situação ideal depois de superados todos os problemas de posse de terra. O poema apresenta, então, dois universos contrários: a terra

¹⁰ Expressão muito frequente no *Alvorada* e se refere aos grandes proprietários de terras, opressores do povo.



colonizada (presente do eu lírico) e a terra idealizada. A grande questão do poema não são as festas, nem a vontade de festejar, mas a impossibilidade de se viver livre, de ocupar uma terra, de cultivar, de trabalhar livremente, de alcançar a terra prometida, que atraiu tantas pessoas para o estado de Mato Grosso.

Destaques para as palavras que se opõem nestes versos de intersecção entre os festejos e o cotidiano hostil. “Festejar”, “liberdade”, “alegria”, “verdade”, “felicidade” vão de encontro a “desespero” e “miséria”. E, apesar das palavras com sentidos positivos serem predominantes, elas estão num tempo de possibilidades: “eu queria”. O primeiro verso já insere todos os versos seguintes no campo do desejo e mostra, de forma ainda mais dura, a realidade, pois ela é contrária a todo esse desejo. Em contrapartida, os versos apontam para uma transformação que pode, quem sabe, existir no futuro, acendendo uma ponta de esperança no eu lírico e no leitor do poema.

Quem já leu “Carta de um contratado”, de Antônio Jascinto, poeta angolano, não ignora a vizinhança entre os poemas. No poema angolano, publicado em 1961, o desejo e a falta se referem ao domínio da leitura e da escrita. O Primeiro verso diz: “Eu queria escrever-te uma carta...” e os últimos versos: “que tu não sabes ler/e eu - Oh! Desespero - não sei escrever também!”. Além das semelhanças na construção do verso, ambos poemas denunciam, um os efeitos da colonização portuguesa, entre eles o analfabetismo, condição imposta aos angolanos, o outro, a colonização na região Araguaia Xingu e os conflitos de terra causados por ela. Outra proximidade bastante significativa é o desejo suspenso: em “Carta de um contratado”, o desejo por saber ler e escrever; e no poema de Joaquim, o desejo por ter onde morar e trabalhar.



Vol. 24, nº 1 (2023)

No mesmo ano, em 1977, na trigésima nona edição, o *Alvorada* publica o quarto texto em versos: “De uma conversa entre dois compadres”, de Luiz Caetano.

DE UMA CONVERSA ENTRE DOIS COMPADRES

Essa terra, de quem é?
Você não sabe dizer?
Fale firme e tenha fé,
que Deus vai lhe proteger.
Diga: Essa terra é nossa,
ficou pra nós plantar roça
e arranjar o que comer.
O meu avô me dizia
Que veio aqui amarrado,
inda mais com o vigia,
como um cão acorrentado.
Mas hoje está diferente:
Já descobri que sou gente,
eu quero é ser libertado!

Poema de Luiz Caetano (*Alvorada, Folha da Prelazia de São Félix, MT*, fevereiro de 1977, p. 04)

O poema de Luiz Caetano não fala de um universo distante, traz para a arte literária uma cena do dia a dia da população da região do Araguaia Xingu. A literatura veiculada no *Alvorada* tira sua matéria do cotidiano e dialoga sempre com os outros textos do jornal. Na mesma edição, o periódico apresenta outros gêneros textuais que estabelecem relação com o poema: notícias sobre terras desapropriadas, perseguições, torturas e prisões sofridas por padres, bispos e leigos. O texto literário se articula com o texto jornalístico formando uma rede que analisa e denuncia; a poesia vem complementado o conteúdo e está vinculada à causa comunitária.

Dois compadres conversam, tentando compreender seu lugar e identidade. Ficam explícitas nesse diálogo questões sobre a propriedade das terras. Trata-se de uma arte inscrita num contexto específico, de



cerceamento de direitos, exploração. Além da forma, essa poesia preocupava-se em dizer e em como dizer, em fazer-se compreensível para aqueles leitores iniciantes no universo da leitura e da escrita. A mensagem é elaborada de forma simples, marcada pela oralidade, de fácil compreensão. Porém, audaciosa, diverge do pensamento dos que detinham o poder territorial, político e social.

A fé, a relação com a terra e a história com o lugar estão presentes em todas as edições do *Alvorada*, tanto na poesia quanto nos textos predominantemente jornalísticos. No poema “De uma conversa entre dois compadres”, os personagens são os próprios posseiros refletindo sobre sua condição. A pergunta inicial “E essa terra, de quem é?”, ganha uma resposta complexa no decorrer dos versos, primeiramente recorrendo à figura divina, que está ao lado deles e os protege. Em seguida, faz a associação direta entre a terra e os seus moradores; é da terra que sai o sustento e o alimento. Para finalizar, recorre-se à ancestralidade pela figura do avô, que chegou ali antes de todos. Entretanto, há uma diferença entre o avô, que contava, “O meu avô me dizia”, e o neto, que conta agora: “já descobri que sou gente/e quero ser libertado”. Este homem/mulher consciente é o cidadão que o *Alvorada* almeja formar, em contrapartida à imagem do sertanejo fraco, doente e ensimesmado construído pelas narrativas literárias do início do século XX.

Espaçadamente, os versos foram aparecendo no *Alvorada*, e em maio de 1977, juntamente com o poema “Apocalipse do sertão”, surge o primeiro convite à publicação. O poema ocupa a metade da penúltima página e a última página inteira, sobrando apenas um rodapé onde fica o recado abaixo:



Se você tem a cópia de algum verso ou fizer uma poesia as sim, sobre a nossa região, a vida, as histórias de nosso povo, mande para ALVORADA.

Jornal *Alvorada*, maio de 1977, p. 07.
Fonte: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Chamo a atenção para a delimitação da temática dos versos, pois o jornal foi fiel a ela em todas as publicações literárias, com raríssimas exceções: “sobre nossa região, a vida, as histórias de nosso povo”. O convite é simples e direto, feito ao leitor; é um marco da presença da literatura no jornal *Alvorada*. De 1970 até 1976, ao todo, foram publicados apenas três poemas. Entretanto, no ano de 1977, das onze edições, dez apresentam poemas. E, entre 1978 até 1986, o número de poemas por ano, nunca foi menor do que o número de edições. O ápice é o ano de 1981, em dez edições, o *Alvorada* veiculou dezessete poemas ao todo. Os números apresentados no Gráfico do fluxo de poemas publicados no *Alvorada* entre 1970 e 1995 revelam o impacto da campanha para publicação iniciada em 1977.

Em edições seguintes foram publicados novos convites à publicação: de versos, cordéis, desenhos, estórias, piadas. Um na edição de setembro de 1977, outro na edição de setembro de 1978 e mais um na edição de janeiro/fevereiro de 1982.



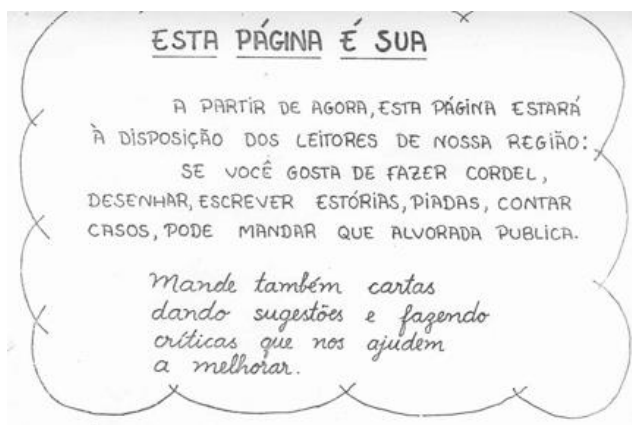
Vol. 24, nº 1 (2023)

ESCREVA SEU VERSO
E MANDE PRO ALVORADA
A HISTÓRIA SENDO IMPORTANTE
VAI SER LOGO PUBLICADA

Alvorada, Folha da prelazia de São Félix do Araguaia, setembro de 1977. p. 08



Jornal Alvorada, setembro de 1978. p. 10



Jornal Alvorada, janeiro/fevereiro de 1982. p. 13



Todos os convites ressaltam a importância do conteúdo, algo sobre o povo da região, o que se torna muito convidativo de fato, pois a matéria dos versos era a vivência do autor, autora. O convite de setembro de 1977 é um estímulo em duas vias, porque, além de abrir espaço para os leitores enviarem seus versos, o próprio convite é feito em versos. O de setembro de 1978 fala diretamente ao leitor, de forma incisiva e afirma que sobre o povo, quem melhor pode falar é o povo. Um convite e uma provocação, pois está implícita nesta afirmação a crítica à história contada por aqueles que não a vivenciaram. Compreende-se, por mais esta marca na linguagem, os ideais do *Alvorada*: quem deveria edificar a história da região Araguaia Xingu eram os relatos, os testemunhos dos que ali moravam. O convite de janeiro/fevereiro de 1982, além da abertura para contribuições com textos dos leitores, também pede sugestões e críticas.

A campanha para a contribuição dos leitores e a forma simples como esses convites foram feitos surtiu efeitos impressionantes. Eram enviados textos de tamanhos e assuntos variados, por pessoas que muitas vezes não tinham habilidade com a escrita, mas que demonstravam familiaridade com a literatura popular. O eu lírico de alguns poemas, conversa com o leitor e pede desculpas pela falta de habilidade com os versos ou com a escrita:

Desculpe meu leitor
Estas minhas poucas linhas
É porque não sei ler
Que é da cabeça minha.

Autoria não mencionada (*Alvorada, Folha da Prelazia de São Félix, MT, julho/ agosto de 1977 p. 09*)

Eu já fiz meu verso,
agora vou terminar.
Se não estiver bem trovado
Vocês vão reparar.
Se tiver algum erro,



Vol. 24, nº 1 (2023)

vocês vão me desculpar.

Silvino Ferreira Campos (*Alvorada*, julho 1983, p. 06)

Minha gente, me desculpa
Por meus versos mal rimados
porque é a primeira vez
e não tava preparada
e aqui termino lhes dando
o meu muito abrigada!

Maria Olinda Abreu Azevedo (*Alvorada*, julho de 1984, p. 07)

Os três exemplos acima são alguns dos que trazem o pedido de desculpas, que aparece geralmente na primeira ou na última estrofe dos poemas. A recorrência merece, em outro momento, uma análise mais cuidadosa, pois aponta para uma postura do poeta frente ao leitor, de não estar preparado ou não merecer aquele espaço, mas um poeta que aproveita a oportunidade e se expressa porque tem o que dizer. As desculpas nunca se referem ao que é dito, mas à forma como é dito. Alguns pedidos são claramente estratégias do autor, o eu lírico se desculpa pela incompetência, mas demonstra o contrário. Já outros carregam a sinceridade e insegurança de quem escreve ou publica seus primeiros, e talvez únicos, versos.

A mobilização feita pelo *Alvorada* concretizou-se em inúmeros poemas publicados, de tamanhos, formas, autores diferentes, mas todos, ou a grande maioria deles, contam sobre a região Araguaia Xingu. Diante da maneira como o *Alvorada* conduziu essas produções, uma questão se impõe: por que a insistência em delimitar uma temática para os versos? Esta pergunta direciona para reflexões sobre a formação e registro da identidade local. No período em que Pedro Casaldáliga chegou a São Félix do Araguaia, presenciou ali uma história em desenvolvimento com poucos registros escritos por aqueles que construía aquela história. Fotografias, cartas, diários eram escassos. Mas havia o testemunho das pessoas.



O jornal *Alvorada* torna-se uma ferramenta de registro escrito popular e desenvolve-se juntamente com a população desta região do estado, acompanhando e intervindo em muitos acontecimentos importantes que marcaram a identidade da população. Atualmente, há vários estudos, principalmente da área da história, sobre a região e o jornal *Alvorada* tem sido uma importante fonte de pesquisa. No entanto, os estudiosos do campo da literatura ainda estão em déficit com esta parte do Mato Grosso.

A criação do *Alvorada*, considerando o cuidado com o arquivamento físico e digital de cada edição, aponta para a importância do registro. Segundo Antônio Canuto¹¹, jornalista do *Alvorada* desde a década de 1980, é possível recompor a história da região a partir do periódico. E o mais interessante, escrita coletivamente. Havia sim, a equipe editorial, composta por membros da igreja, inclusive Pedro Casaldáliga, que escreveu em todas as edições enquanto sua saúde o permitiu. Membros da comunidade colaboravam com informações que eram escritas pela equipe e publicadas. Mas havia, e esse é o interesse da presente investigação, o lugar para os versos, publicados, via de regra, como chegavam nas mãos dos editores. De acordo com Canuto, alguns textos eram entregues quase ilegíveis e incompreensíveis. Nesses casos, era preciso uma revisão mínima.

As notícias do *Alvorada* não tinham como porta-vozes apenas pessoas vinculadas à Prelazia de São Félix do Araguaia. Mas, se de um lado as publicações do *Alvorada* não eram escritas apenas pela equipe editorial, pois as pessoas da comunidade podiam contribuir, havia a delimitação da temática. Essa estratégia fazia com que o conteúdo do jornal não fugisse da proposta do periódico, que era a de levar até a população informações

¹¹ Em entrevista concedida em 19 de agosto de 2021.



referentes à região ou que fossem importantes para a comunidade. Essa dinâmica com o leitor foi bastante significativa num lugar onde a cultura da leitura e da escrita era pouco difundida. O *Alvorada* conseguia, dessa forma, circular e concretizar seu projeto de formação e registro.

Retorno agora à pergunta feita no início do texto: queria o *Alvorada* instigar a criação de uma geração de escritores da região do Araguaia Xingu ou a poesia era uma das formas de lutar contra o analfabetismo e o isolamento social e político? Estas questões estão entrelaçadas aos efeitos da abertura do jornal para as contribuições dos leitores e também à posição do periódico em relação aos escritos recebidos. Quem leu o *Alvorada* entre 1977 e início da década de 90 com certeza encontrou em alguma de suas páginas os versos, que normalmente, eram de leitores. Se o jornal desconsiderasse o contexto dos leitores, não alcançaria o público e não conseguiria colocar em prática o projeto de formação crítica do povo da Prelazia de São Félix do Araguaia. Sendo assim, o *Alvorada* tomou uma posição em relação ao uso da linguagem escrita.

No texto “Humanidades”, Roger Chartier desenvolve um percurso de análise sobre a história da escrita, do livro e da leitura. O pesquisador destaca sua preocupação sobre a fragmentação social, diversa e desigual que penetra o uso e o domínio da escrita. No desenrolar da história, o livro e as formas de escrita tornaram-se tão valiosos quanto sagrados, de modo a não alcançarem qualquer pessoa. Para Chartier:

A terceira tensão que atravessa a história da cultura escrita faz-se enfrentarem as autoridades, que entendem impor seu controle ou monopólio sobre o escrito, e todos aqueles, e mais ainda todas aquelas, para quem o saber ler e escrever foi a promessa de um melhor domínio de seu destino. A cada dia, para o pior e para nossa vergonha, a crueldade com que nossas sociedades tratam os excluídos do escrito e aqueles que a



miséria do mundo e a brutalidade das leis deixaram sem documentos relembra os desafios éticos e políticos ligados ao acesso à escrita. O que, em outros termos, seguindo o exemplo sábio e cívico dado por Armando Petrucci e Don Mckenzie, significa também que estudar como historiador os enfrentamentos entre o poder estabelecido pelos poderosos sobre a escrita e o poder que sua aquisição confere aos mais fracos leva a opor à violência exercida pelo escrito a capacidade deste de fundar, como o enunciava Vico em 1725, “a faculdade de os povos controlarem a interpretação dada à lei pelos chefes” (CHARTIER, 2010, p. 23).

Indubitavelmente, em uma sociedade onde há a cultura da escrita, a falta desta compromete a participação nas atividades cotidianas garantidoras da cidadania. O acesso aos livros, jornais, bíblia, receitas, cartas e inúmeros outros gêneros e suportes só pode ser realizado, para alguém que não domina o código escrito, por intermédio de outra pessoa. Então, há a exclusão de um universo de informações importantes para a vida. Chartier aponta para a forma cruel como a sociedade trata as pessoas excluídas desse espaço e aborda a necessidade do compromisso ético e político relacionado ao acesso à escrita, de modo que a escrita deixe de se impor como uma violência.

Verifica-se, mediante leitura e análise no jornal *Alvorada*, a consciência da propriedade sagrada do texto escrito e uma ação frente a essa prática, pois é evidente o desejo de que o povo tivesse acesso à escrita e à leitura. A contribuição dos leitores e a publicação dos textos mantendo as variações linguísticas e a forma dos poemas, sem exigências de padrões estéticos e norma padrão da língua portuguesa, são estratégias de difusão e com isso interação com o público leitor. O resultado é o incentivo à leitura e à escrita e também a credibilidade. Articula-se, então, a dessacralização da escrita e da leitura, em especial do texto literário. Isso não significa que a



escrita e a leitura tornaram-se menos valorosas, pelo contrário, passaram a ser ferramentas de acesso e testemunhos de uma época.

Em muitos poemas mantém-se as marcas da oralidade. O autor oral está sempre ali, enquanto documento histórico e enquanto alguém que fala aos demais e alcança o público, pois era costumeiro que o *Alvorada* fosse lido em voz alta para grupos de pessoas que se juntavam em volta do leitor.

O *Alvorada* foi uma importante ferramenta de formação crítica de leitores e escritores. Os textos literários escritos pelos leitores, muitos deles adultos e trabalhadores braçais que estavam em fase de alfabetização, têm a marca regional da luta contra o analfabetismo e o isolamento social e político. Esse esforço pelo combate aos problemas regionais é, inclusive, tema de muitos poemas.

TERRAS COLONIZADAS

[...]

O pobre é analfabeto
e enfrenta foice e machado
nunca consegue melhora
pros filhos e afilhados.
O rico, pode pegar a caneta
e até o carro
Às vezes vendeu fazenda
e muitas cabeças de gado.
Nós também queremos ter
escola pros nossos filhos.
Chega já de tanto engano!

Quem ler esta poesia
precisa ter compreensão.
quem escreve é um pai de família
que faz esta reclamação:
precisamos lotes de terra
para tirar o nosso pão.

Um posseiro de Canabrava (*Alvorada*, fevereiro de 1980, p. 10)



“Terra colonizada”, de um posseiro de Canabrava mostra a consciência do eu lírico da condição do analfabeto e compara a vida do pobre que não domina o código escrito, é limitado, com a vida do rico, que pega a caneta, ou seja, tem acesso ao conhecimento. O eu lírico pede um basta e reivindica igualdade; dirige a mensagem ao leitor, se apresenta como pai de família e pede compreensão. Este leitor ensejado pelo autor não é apenas aquele que vive em situação similar, mas alguém que deve compreender esta situação e ajudar. A mensagem do poema é lançada como um pedido de socorro, mas não de alguém que não sabe quem é ou o que quer, pelo contrário, o eu lírico sente-se muito seguro em apresentar-se como pai e trabalhador.

Se por um lado havia perseguição, exploração e cerceamento de direitos por parte de empresas colonizadoras e grandes latifundiários, por outro, a escrita no *Alvorada* era um lugar de liberdade, onde os posseiros, pais de família, peões, professores, lavradores, indígenas, donas de casa, ou qualquer outra pessoa, podiam se manifestar. Uma direção contrária da história da escrita apontada por Chartier em **A aventura do livro**. Segundo ele:

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas. (CHARTIER, 1998, p. 23)

A proteção é o reverso da perseguição. As páginas do *Alvorada* ofereciam formação, informação e proteção. Esta pode ser uma das razões pelas quais muitos dos poemas publicados no *Alvorada* não traziam a assinatura do autor, outra abertura oferecida pelo periódico, a não



obrigatoriedade da autoria, o que encorajou ainda mais pessoas a enviarem textos e expressarem sua insatisfação sem serem perseguidos.

O estudo apresentado neste artigo aponta para a possibilidade de um projeto de formação promovido pelo *Alvorada* e a literatura como o meio de concretização. Mas para que isto ocorresse o *Alvorada* subverteu o regulamento da expressão escrita e publicada, dessacralizando a escrita e a leitura para que houvesse o acesso a estas formas de manifestação e registro. Este projeto não seria possível sem a intersecção entre imprensa e literatura. O suporte jornalístico, pelo baixo custo, pela proposta de levar informação e pela abertura ao gênero literário.

Referências

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Disponível em: <[capa \(inep.gov.br\)](http://capa.inep.gov.br)> Acesso em: 10 de setembro de 2022.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Humanidades**. Estudos avançados. v. 24, n. 69. p. 06-30, jan. 2010.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI – XVIII). São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Jornal *Alvorada*. São Félix do Araguaia – MT, janeiro de 1970 a dezembro de 1989.

SCALOPPE, MARLUCE DE OLIVEIRA MACHADO. **Práticas midiáticas e cidadania**: o papel do jornal *Alvorada* na Prelazia de São Félix do Araguaia (1970-1984). Orientadora: Ludmila de Lima Brandão, 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em



Vol. 24, nº 1 (2023)

História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2009.

ZORTEA, Claudia (Org.). **Alvorada em versos**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2022.